

**PÓS-MODERNIDADE E ESTUDOS DA CULTURA INDUSTRIAL:
REFLEXÕES ACERCA DOS CONCEITOS E PONTO LIMÍTROFE**

**POSTMODERNITY AND STUDIES OF INDUSTRY CULTURAL:
REFLECTIONS ABOUT CONCEPTS AND POINT NEIGHBORING**

Renato de Oliveira Dering⁴¹

Resumo

A presente pesquisa, em formato de ensaio, traz uma reflexão sobre alguns conceitos de pós-modernidade e os estudos de cultura, permeado pela evolução social. Ainda, traz apontamentos sobre a posição do sujeito em contraste aos tópicos acima citados.

Palavras-chave: Pós-modernidade. Sujeito. Cultura industrial. Indústria cultural.

Abstract

This research, in essay format, brings a reflection on some concepts of postmodernism and cultural studies, permeated by social evolution. Also brings notes on the position of the subject in contrast to the aforementioned topics.

Keywords: Postmodernity. Subject. Industrial culture. Cultural industry.

Um dos fatores que afetam os estudos das humanidades neste novo século que mal começou são as consequências de todo um processo sofrido no século anterior, principalmente se levarmos em consideração a *libertinagem* do sujeito na sociedade e os não-limites das barreiras socioculturais. Todos esses pontos articulam o sujeito e a sociedade ao caminho do caos cultural e aos abusos das elites artísticas e elites minoritárias. Isto é, se um dia tivemos uma cúpula que indicava os rumos da arte, hoje não apenas a temos como também surge uma nova cúpula que define ou instaura o

⁴¹ Mestre em Letras (Concentração: Estudos Literários / Linha de Pesquisa: Literatura, cultura e sociedade) pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Graduado em Letras - Português pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (FL/UFG). E-mail: renatodering@gmail.com

que é arte para as minorias. Entramos, portanto, na ironia moderna: a arte precisa ser definida em todas as esferas da sociedade.

A sociedade do século XXI, no entanto, não carece do que se instalem definições de arte, muito menos de boa ou má arte. O sujeito dessa sociedade está imerso no que ele quiser, pois tudo está ao seu alcance e ele tem o poder de decisão. Uma pessoa hoje pode ter acesso desde um livro de *best-seller* japonês até o discurso de Hitler em um de seus pronunciamentos da Segunda Guerra Mundial, ambos na originalidade.

É importante se ater que nas últimas décadas tivemos a passagem de um sujeito liberto para um *sujeito libertino*. Antes, preso por uma sociedade esmagadoramente raivosa com as diferenças, agora este sujeito se revolta com uma sociedade hipócrita que finge aceitar as diferenças. É justamente essa mudança que justifica o papel desse sujeito na sociedade atual e corrobora com uma necessidade de cúpulas das artes: a ironia social.

Com essa postura, as barreiras sociais se confundem cada dia mais e a cultura já não aponta mais aspectos de uma determinada nação. A sociedade do século XXI vive dos não-limites, ocasionados pela libertinagem de um sujeito que se omitiu durante décadas. No entanto, o problema concentra-se, agora, no que este sujeito se emite. O importante não é o que dizer, mas simplesmente dizer. O importante não é como aparecer, mas sim aparecer.

Como reflete Éderson Silveira, em seu artigo “Entre *selfies*, curtidas e subjetividades: sobre os sujeitos contemporâneos e o cuidado de si”, o sujeito age adotando certos padrões que não são deles, mas socialmente constituídos. Exemplificando sua posição, Silveira refere-se ao comentário do cantor Mick Jagger que não importa o que digam dele, desde que esteja/seja capa de revista.

A verdade é apenas uma: a sociedade não está preparada para o sujeito que ela produziu. A produção cultural e artística parte, primeiramente, da produção de uma sociedade que sofreu reflexos de todos os acontecimentos do final do século XIX e de todo o século XX. Consequentemente, todos esses eventos gerou a produção de um sujeito: o sujeito pós-moderno. Logo, para falarmos de todo esse arcabouço a ordem necessária é entender como surgiu essa sociedade dita como “pós-moderna”, tratada aqui como sinônimo de “pós-modernidade”, depois entender que tipo de produção de sujeito ela colocou no mercado, para aí sim, entender melhor sobre os estudos da cultura

industrial, proporcionando, evidentemente, reflexões sobre a indústria cultural. Após essas percepções adentrar ao ponto limítrofe nesse processo evolutivo.

PÓS-MODERNIDADE, MODERNO, MODERNISMO E OUTROS TERMOS ESSENCIAIS

Os últimos anos os estudos das ciências humanas sofreram com um aglomerado de novos conceitos e nomes para tentar definir os processos ocorridos nas últimas décadas. Para não prolongarmos na definição de conceitos que já são bem estabelecidos, uma vez que nosso objetivo centra-se no pós-moderno / pós-modernidade, citamos aqui Leila Perrone-Moisés (1998, p.180) para clarear duas postulações:

Modernidade e modernismo são termos que em nossa língua, e sobretudo no contexto literário, designam coisas diferentes. Empregamos modernismo para designar as vanguardas do início do século XX (as chamadas “vanguardas históricas”), e modernidade para designar o grande movimento que começou na segunda metade do século XIX e vem, talvez, até os dias de hoje.

Em seguida, a autora já aponta que:

A definição da pós-modernidade oscila, de autor a autor, entre o estabelecimento de uma periodização histórica, uma descrição de traços de estilo, ou uma enumeração de posturas filosóficas e existenciais. Além disso, os teóricos identificam frequentemente modernidade social com modernidade artística, estabelecendo uma relação direta e especular que nem sempre existiu. (PERRONE-MOISÉS, 1998, p.180)

Ao primeiro posicionamento da autora, nos certificamos de que é necessária mesma esta distinção, uma vez que os nomes se assemelham e, comumente, são usados como sinônimos. Outro ponto que é preciso entender que “pós-modernismo” se diferencia também por ser tudo o que veio depois do modernismo, enquanto vanguarda.

Contudo, ao segundo ponto, como já iniciamos a discussão na introdução, discordamos de seu posicionamento. Não se trata de confundir uma modernidade social com uma modernidade artística ou cultural, porém de perceber que elas se entrecruzam e estão inerentes uma a outra. Não é possível, em nosso entender, perceber uma sociedade pós-moderna sem que outros aspectos sejam vislumbrados. Assim como João do Rio “literarizou” a crônica no início do século, dando ao gênero, até então puramente jornalístico, um caráter estilístico, a evolução dessa sociedade deu ao sujeito sua

interpelação e modos de visão dessa sociedade, diferente do que vinha sendo feito antes e, por consequência, o sujeito deu a arte seu novo modo de perceber a vida, a arte e sua cultura. Como, então, dizer que essa relação é incoerente?

O problema quando se trata de definição para esses termos concentra-se no que Machado de Assis já apontava no início do século passado “é preciso alguma coisa mais que um simples desejo de falar a multidão”, isto é, abordando sobre o papel do crítico literário, Assis afirma que a crítica dominante é a não esclarecida, mas um tipo de crítica que se volta pela poder e necessidade em se falar algo para alguém, como se criticar/falar se tornassem verbos transitivos diretos e indiretos com a obrigatoriedade de complementos nominais e adjuntos adverbiais. Em outras palavras, não há apenas uma cultura industrial para as artes como para os críticos de artes. Daí surge o que Assis aponta: o erro produzirá o erro, pois uma crítica é, acima de tudo, uma análise. Portanto, nos inclinamos para as percepções sociais dessa sociedade dos fins do século XIX e início do século XX para entender o conceito de pós-modernidade.

PERSPECTIVAS SOCIAIS E HISTÓRICAS PARA CONCEITUAR PÓS-MODERNO/PÓS-MODERNIDADE

A sociedade do século XXI é uma sociedade libertina, pois os sujeitos que a fazem assim são. Mas essa libertinagem pode se comparar ao que os estudos da psicologia traçam sobre o adolescente, quando apontam que essa fase de descoberta do “eu” é um período de ressignificação em que o sujeito se confronta e se encontra a todo o momento.

Desde a mudança social e a ascensão da burguesia, que ocorreria na França no fim do século XVII, o sujeito percebe que é influente e influencia os rumos da história. Na verdade, o sujeito percebe que sem ele não há história da humanidade. Parece meio insana tal afirmação, mas o fato é este: somente com a tomada do poder de um dos maiores centros artísticos do mundo é que o homem se percebe como modificador. Consequente a esse evento, temos no século seguinte a percepção do homem enquanto força de trabalho que gera energia para a sociedade: o homem se torna produtor.

Esse brevíssimo resumo nos leva a entender a primeira etapa: o sujeito começa a se tornar consciente de seu poder e, em seguida, se transforma em um homem produtor não apenas de mercadorias, mas ideologias e produtor de outros homens, estes enquanto seres a serem preenchidos. O século XIX foi um período de grandes mudanças

no que tange a evolução da sociedade em todo o mundo. Diversos acontecimentos atingiram a Europa e as Américas. Contudo, todos esses eventos terão sua repercussão apenas no final do século em questão e até meados do século seguinte. O sujeito, apesar de começar a se perceber nesses séculos, não é dono de si. A sociedade ainda é impositiva e perturbadora para muitos. Podemos perceber tal fato quando verificamos que os movimentos contra a sociedade controladora começam a acontecer nesses dois últimos períodos.

O século XX, por sua vez, é o ápice, a eclosão desmedida desse período. Será justamente no século XX que o sujeito começa a se impor, principalmente depois dos efeitos devastadores das duas Grandes Guerras Mundiais. O século XX é responsável pelo aparecimento do cinema e sua difusão⁴², da televisão e sua propagação e da internet e seu poder de infestação. Tudo na sociedade atual trata-se de um efeito colateral do que os séculos anteriores não souberam lidar. Sem mais delongas, Hitler é um grande exemplo disso!

O sujeito advindo de todo esse aglomerado de eventos não conseguiu lidar com a rapidez com que as coisas iam acontecendo. Se, por um lado, a evolução nos deu a sociedade que conhecemos hoje, por outro ela nos deu também esse sujeito em conflito consigo, com a sociedade e um sujeito passivo perante a sociedade. Há todo tipo de discursos e poucos deles são peneirados pelo próprio emissor. Esse sujeito pós-moderno não se limita, pois não vê limites, não enxerga barreiras. O importante é dizer, pronunciar, falar, promover-se, inserir-se e só, nada além de se fazer presente. Mas tudo isso dentro de um padrão hipócrita que a sociedade foi se tornando e fazendo, pois o que o sujeito profere é aberto, desde que não diretamente: um falso eufemismo de ideologias não pensadas. O discurso direto deve ser utilizado nos meios de comunicação de massa com uma máscara social, porque o que eu digo é bom, mas o que eu digo usando uma máscara social é mais cativante e convincente. Contudo, o que eu penso de verdade ninguém sabe, nem eu. Eis a hipocrisia social qual abordamos.

Esse tipo de sujeito que nos leva a entender o conceito de pós-modernidade/pós-moderno. Se modernidade é o movimento que se iniciou no século XIX, a pós-modernidade é o zumbi desse movimento. Os libertinos descobriram que o rei morreu e queimaram as regras, mas elas não deixaram de existir por isso. Não se trata de algo ruim, nem bom; apenas é. Uma sociedade não vive da libertinagem, da

⁴² Tomamos aqui o início do século XX para esse processo, estando ciente que é no fim do século XIX que o cinema se inicia.

bagunça; mas essa resolveu viver e assim se encontra, em um estado latente de incompreensão do que realmente quer. Toda bagunça deve ser organizada, mas a organização que esse sujeito se propôs foge ao que ele realmente quer, uma vez que ele ainda não sabe o que quer.

Tomamos, portanto, pós-moderno/pós-modernidade como o período compreendido após a Segunda Guerra Mundial que acarreta a percepção do sujeito enquanto um ser liberto, que emite voz, produz ideologias e propaga ideais. Contudo, esse mesmo período é compreendido por um sujeito na busca de si, que confunde a liberdade que ganhou com a libertinagem de suas ações; emite voz, mas não se escuta; produz ideologias, porém ideologias passadas e não reconfiguradas/repensadas; propaga ideais, todavia não sabe se estes são os que realmente deseja. Por isso a complexidade na busca do eu enquanto sujeito.

CULTURA INDUSTRIAL E INDÚSTRIA CULTURAL: O SUJEITO QUE PRODUZ E O SUJEITO QUE CONSOME

Depois de perceber as consequências históricas e sociais que foram responsáveis pela produção desse tipo de sujeito, devemos entender o que esse sujeito produziu. Antes que falarmos em uma Indústria Cultural, tal qual já apontavam os estudos de Benjamin e Adorno, é preciso entender que a cultura em si é industrial por natureza. A produção de arte, produto de uma dada cultura, é o elemento de escape do sujeito e fonte de troca simbólica. O sujeito não produz arte apenas por gosto, porém por razões que o colocam em equilíbrio consigo e com a sociedade em que vive. A arte é um anseio social e a cultura é o que a sociedade produz inconscientemente na comunhão entre sujeitos e entre sujeitos e o meio. Grosso modo, toda cultura é industrial enquanto passível de compra e venda, simbólica ou não. O que aconteceu com a cultura no século XX e XXI é a percepção do sujeito que ela (a cultura) é mais rentável financeiramente que simbolicamente. Mas é vendendo o seu símbolo que se tem retorno de capital.

A troca de um quilo de arroz por uma galinha era boa na sociedade medieval, mas trocar um *best-seller* que te ajuda a “sumir” dos problemas por dinheiro te dá um galinheiro. É, de fato, a galinha dos ovos de ouro do século XXI. A cultura é um produto a ser vendido, pois a minha cultura é uma fuga da cultura do outro e assim por diante; sendo uma opção para mim, é algo que eu compraria. Vender um estilo de

vida americano no século XX foi a melhor expansão mercantil de todos os tempos. Os EUA sabiam que a imagem (poder simbólico de sua cultura) é a alma do produto. Por essa razão retomamos a ideia introdutória: não importa o que dizem de mim na página mil de uma revista, pois o que todos visualizam é meu rosto na capa.

Pode ser difícil analisar o que queremos de uma propaganda, contudo é muito fácil analisar o que não queremos. Logo, se a dificuldade é analisar o que queremos para nós, quando recebemos algo pronto tudo se torna cômodo. Isto é, se o que não sabemos que queremos já vem de forma clara, decidimos sempre pelo melhor, pois sabemos o que não é viável. Você prefere viver em uma sociedade em que vende favela e assassinos ou em uma em que a população vive em bons apartamentos em uma cidade cosmopolita? Creio não ser preciso identificar as cidades mencionadas e a cultura que se vende delas.

Entretanto é preciso perceber que a imagem dessa sociedade não se faz sozinha e desconexa, quem produz essa imagem é o sujeito que vive nela. O sujeito americano não quer ostentar uma vida medíocre, ele quer viver bem e quer que aquela seja sua realidade, ainda que maquiada. Se você vai para uma festa, você se veste bem para ser aceito; uma equação simples. O brasileiro, por sua vez, gosta de ostentar a diversidade, mas não sabe como fazer isso e se perde na promoção de sua cultura. Não entendam mal quando aponto na ostentação de diversidade, pois não acho errado, pelo contrário. O problema é não saber fazer o que propõe.

Observe como fazemos e vendemos nossa cultura: quem nunca se imaginou andando nas ruas do Leblon, no Rio de Janeiro, ao som de Tom Jobim. O mar ao lado em sintonia com o vento que sopra seu rosto e do outro lado, pessoas lindas caminhando. Depois ir a uma livraria, ainda no Leblon e comprar um ou dois livros, servidos de um café e uma boa conversa com algum amigo. Esse é um perfil traçado do Rio de Janeiro pelas novelas de Manoel Carlos. Mas, no entanto, temos um contraponto de perfil dessa mesma cidade maravilhosa: uma cidade de favelas, saneamento ruim e traficantes, onde ando na rua com um celular e logo serei assaltado.

Nos EUA a imagem é sempre boa e, até mesmo os assaltantes não vivem em uma situação precária como a mostrada por nós. Mas será que isso acontece por que fazemos parte de uma sociedade totalmente diferente? Claro que sim. Mas o ponto chave não é a realidade cultural, mas o que vendemos como valor simbólico para gerar o nosso retorno capital: queremos uma cultura em que possamos viver bem ou uma cultura em que precisamos nos impor todo dia pra (sobre)viver? Evidente que a

primeira, pois essa cultura de sobrevivência é justamente a cultura dos séculos anteriores, lembram? Mas agora o sujeito é libertino e por isso viver onde existe “liberdade” é melhor. Ou ainda, vive onde ele possa “escolher” como quer a sua liberdade.

A SOCIEDADE QUE PRODUZ É UMA SOCIEDADE QUE PRODUZ APARÊNCIAS

A partir do momento que a sociedade produz aparências, seus produtores também produzem aparências e por elas são atraídos. A sociedade do século XX e XXI é totalmente visual. Você é o que você usa, você quer o que vê. Foi-se a época que o belo era belo e o bom era subitamente belo, pois agora ninguém vê o bom, exceto se é postado no Instagram ou Facebook (sem ironia).

A obsessão por ter seguidores é o que autoriza e certifica os modos como esse sujeito do século XXI deve viver. Assim, como analisa Silveira no artigo supracitado, o sujeito dessa sociedade necessita se legitimar e isto ocorre apenas quando o outro o faz. É basicamente o que Foucault já apontava em Vigiar e Punir, quando fala sobre o panóptico. Existiu uma lei que regia o que era certo ou errado, o que se devia ou não fazer. Mas ainda que o rei esteja morto e a sociedade saiba, todos os sujeitos pertencentes àquela sociedade estão também te observando e julgando – sem a necessidade de um rei ou das leis desse reino –, por essa razão a busca do sujeito pelo “eu” se encontra no entrave da autenticação desse meu “eu” pelo “eu” do outro. Ocorre, portanto, que o sujeito só se consolida quando recebe a legitimação social, contudo essa sociedade, apesar de fingir aceitar as diferenças, possui inerente a ela a visão esmagadora e raivosa quanto às diferenças. O que é diferente ou não se parece nenhum um pouco comigo não é digno de viver na mesma sociedade que eu. Quem não vive minha cultura e minha sociedade não é aceito onde vivo. E se um sujeito pensa de uma maneira e age de outra, e o outro faz a mesma coisa, cria-se uma corrente protetora dos velhos hábitos: sociedade hipócrita quanto a aceitação das diversidades. Cito novamente Silveira para corroborar com essa ideia, pois “Entre o dizer de si, sobre si e o olhar do outro sobre mim está um terreno de investigações que podem “levantar o tapete” do que está por trás da naturalização dos saberes sobre si.”

A sociedade é visual. Desde a criação do cinema, no fim do século XIX até a inserção desse mesmo cinema na Era da Internet, a sociedade se tornou visual por natureza. É mentira quando disseram que uma foto vale mais que mil palavras, pois uma palavra rende muitas ideologias e essas ideologias rendem muitas histórias, que por sua vez promovem um tipo de sociedade e cultura existente e dialogam com outras sociedades e culturas. A língua nada mais é que a união da arte, cultura, sociedade e história de um povo. Exemplos podem ser obtidos facilmente nas palavras defenestrar e saudade, de origens e usos específicos e de determinadas línguas. Então, se uma imagem diz muito, uma palavra explica o não-dito.

O SUJEITO NOS NÃO-DITOS OU OMITIDOS DOS DITOS

O problema de uma palavra carregar consigo o não-dito se encontra no sujeito que não sabe explicar o que diz. Como vimos, o desejo do sujeito é ser intermitente, intransigente e libertino. O seu desejo de falar à multidão é tão grande que abafa, muitas vezes, seu pensamento e sua digestão do dito. Logo, a partir do momento que o dito é omitido, o sujeito fica nos não-ditos, que por sua vez são ditos sem digestão. O modelo de Jakobson para o sistema comunicacional, na sociedade contemporânea, se fere em relação à mensagem, código e canal. É como se o a mensagem não fosse plenamente codificada e o canal pelo qual ela fosse transmitida fosse o errado naquele momento (ou em qualquer outro momento). Logo, a mensagem chega distorcida ao interlocutor, perfazendo a brincadeira de telefone sem fio, pois ao final não se sabe qual era a mensagem inicial (e nem se pretende descobrir).

Machado de Assis já apontava, como mencionamos, que o desejo do crítico tem que ir além do simples desejo de falar, mas é preciso ter algo conciso a se falar. O sujeito se tornou crítico, ele deseja falar, mas não sabe o que fala, como fala e, muitas vezes, para quem fala. Seu único desejo é atingir. Se atingir um maior número de pessoas melhor, por essa razão retomamos a ideia do Instagram ou Facebook, pois o crítico (esse sujeito contemporâneo) deseja ser percebido, ouvido e repercutido; nem sempre deseja ser pensado. Para tal alusão surgiu no início do século XXI no Brasil – e no mundo – os famosos *bloggers* e *vloggers*⁴³. Os sujeitos produtores desse tipo de crítica utilizam-se da arte e cultura para se venderem, ainda que não tenham total consciência.

⁴³ Usados aqui como sinônimos de *blogueiros* e *vlogueiros*, respectivamente.

São pessoas que atuam em frente às câmeras, isto é, usam as máscaras sociais, e a partir delas vendem seu produto: crítica social e cultural sem digestão. Mas a sua crítica envolve, geralmente, comentários sobre algum assunto que eu gostaria de dizer, mas não tenho coragem e os jornais não dizem o que penso. Logo, os *vlogers* são jornalistas-atores, que dizem o que queremos sem seriedade sobre um assunto sério (ao menos para nós). Eles divulgam algo com a parcialidade que lhe cabe, que, também, é a parcialidade de uma parcela da sociedade e atuam para convencer você de que ele está certo.

Este é o sujeito dessa sociedade: um sujeito que produz, compra e vende o que deseja ser e o que deseja que o outro seja, mas poucas vezes reflete sobre esse processo. Aproxima-se de Narciso, mas seu ego depende quase que exclusivamente do outro. Por isso esse sujeito é visual, pois só se torna alguém se o outro puder vê-lo, caso contrário ele volta a ser o libertino ainda sem visibilidade, mas emitindo sua voz e omitindo suas ideias, até que crie sua máscara para que possa se promover.

PONTO LIMÍTROFE

Para encerrar as abordagens propostas nesse ensaio, trago à luz o ponto limítrofe, isto é, o que está vivendo entre os limites entre o pós-moderno, a cultura industrial e a indústria cultural: o sujeito formulador de arte e cultura.

Como aponta Bakhtin e Kristeva, o sujeito é intertextual, trata-se ele de um mosaico de citações e por assim ser, ele é inconstante e nada estanque. Ele permuta entre sua cultura, a cultura do outro e a cultura que ele deseja para si. O sujeito vive uma cultura, reflete com outra e cria uma nova para se presentificar e se sentir aceito na sociedade em que vive. O sujeito é o ponto limítrofe, pois está inserido de forma consciente em uma sociedade que o deixa inconsciente de suas ações e de sua própria voz. Ele deseja falar, mas não sabe ao certo sobre seu desejo. Ele tem uma vasta bagagem histórica e social, mas não consegue promover um diálogo produtivo entre elas. Ele possui uma cultura, mas se vende fácil por outra (por dinheiro ou comodismo); o sujeito é o limite dessa sociedade pós-moderna. Ao trazer todo esse arcabouço desde a Revolução Burguesa, passando pela evolução das máquinas e a liberdade das amarras sociais, percebemos que o sujeito se perdeu entre estar no poder e não saber o que fazer; dominar a máquina, mas deixar-se por ela ser dominado; e se libertar de um rei morto, não querer nomear um novo rei e seguir as mesmas regras que o massacraram no reinado anterior. Não existe uma sociedade sem regras, pois o convívio social se dá pelo

respeito, mas o sujeito libertino que foi criado nos dois últimos séculos usa o outro não pelo respeito, contudo para promoção e autenticação de si. Ele continua sendo vigiado e gosta, ele gosta de vigiar o outro, mas, ao mesmo tempo, gosta de criticar toda essa vigilância.

A aceitação do outro por mim é mais forte que o diálogo do outro comigo e sobre mim. Sendo assim, o sujeito inerentemente intertextual se perde nos textos pelo qual foi/é constituído e não consegue escrever novos textos de si sem que o outro sujeito que o vigia possa aprovar. Vive-se um novo tipo de pirâmide social, em que na base estão todos os legitimadores de um modelo de “eu” que só existe para ser aceito. Ao mesmo tempo o “eu” também está na base autenticando o outro sujeito que deseja o mesmo que o meu “eu” e assim por diante. O sujeito revive, então uma nova versão do período denominado romantismo: fuga, pessimismo, individualismo. Contudo, esses elementos são acompanhados pela crítica pela crítica, legitimação/autentificação do eu e a libertinagem de expressão. Vivemos, portanto, o *neorromantismo*: o sujeito opta pela fuga, não crê que ele seja o motor social (pessimismo); o sujeito é individualista, mas ao mesmo tempo em que é individual só se sente completo quanto é autenticado pelo outro; ele critica pura e simplesmente pela vontade de falar, usando, muitas vezes máscaras sociais; e esse sujeito se expressa pela necessidade de ser contra algo, mesmo não sabendo ainda que algo é esse e o porquê ele tem que ser contra.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. Trad. Julia Elisabeth Levy... [et al]. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ASSIS, Machado de. **O ideal do crítico**. Miguel Sanches Neto (org). Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. S/L: HUCITEC, 2006.

BENJAMIN, Walter; HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W.; HABERMAS, Jürgen. [et al.] Trad. José Lino Grünnewald. **Textos Escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Trad. de Cristina. Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

DERING, Renato de Oliveira. **A cultura de massa em diálogo com questões de teorias literárias**. Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Federal de Viçosa. 2012.

____. **Questões de literatura de massa e crítica cultural.** Revista Litteris. Setembro de 2013. Volume II. Número 12. pp. 431-440.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura.** Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP, 2005.

____. **Depois da teoria:** um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo. Trad. Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ECO, Umberto. **Parâmetros da cultura.** In. CASTRO, Gustavo de. DRAVET, Florence (Org.). *Sob o céu da cultura.* Brasília: Thesaurus, Casa das Musas, 2004.

FISCHER, Enerst. **A necessidade da arte.** Trad. Leandro Konder. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos:** o breve século XX 1914-1991. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-modernismo** – História, teoria, ficção. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

JAMESON, Frederic. **A virada cultural:** reflexões sobre o pós-moderno. Trad. Carolina Araújo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

KRISTEVA, Julia. **Introdução a semanálise.** Trad. Lucia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX:** Neurose. Trad. Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

PERRONE-MOYSES, Leyla. *Texto, Crítica e escritura.* São Paulo: Ática, 1978.
____. *Altas literaturas.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível.** Estética e política. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Exo Experimental (org); Editora 34, 2009.

SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre:** crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice:** o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVEIRA, E.L. Entre selfies, curtidas e subjetividades: sobre os sujeitos contemporâneos e o cuidado de si. In: **O corpo é Discurso.** Vitória da Conquista: Laboratório de Estudos do Corpo e Discurso (LABEDISCO-UESB) Edição n. 32, de Maio de 2014, pp. 4-10.

SIM, Stuart; LOON, Borin Van. **Entendendo teoria crítica** – Um guia ilustrado. Trad. Rosália Munhoz. São Paulo: Leya, 2013.